

# Módulo 12

## O tráfico de escravizados no Atlântico

Cais do Valongo, Rio de Janeiro, RJ.  
Fotografia de 2023. Esse foi o porto  
que mais recebeu escravizados  
africanos na Idade Moderna.

+ Conteúdos

### Objetos do conhecimento

- A ideia de “Novo Mundo” ante o Mundo Antigo: permanências e rupturas de saberes e práticas na emergência do mundo moderno.
- Saberes dos povos africanos e pré-colombianos expressos na cultura material e imaterial.

### Habilidades

- Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações

e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.

- Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.
- Compreender os diferentes tipos de escravidão ao longo da história e refletir sobre as condições de vida de um escravizado, identificando as consequências desse preconceito nos dias atuais.



[...] Em 2014, o Cfoab [Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil] aprovou a Comissão Nacional da Verdade da Escravidão Negra (Cvenb/Nacional), cuja posse aconteceu em fevereiro de 2015, com cerca de 50 componentes – advogados, membros do Ministério Público, institutos de pesquisa de cultura afro-brasileira e pesquisadores –, e a criação de congêneres em estados e municípios. [...] A Cvenb foi proposta por advogados que estavam reunidos numa conferência nacional e atentos ao cenário de investigação da verdade no país. O interesse estava em abordar a escravidão e promover o tema da reparação, pois aquela prática havia sido caracterizada por atos criminosos que envolveram a instância estatal. [...]

Durante a entrega do relatório parcial na OAB/RJ muito se falou em expor a escravidão e o que ela causou no país. Nesse sentido, várias iniciativas realizadas pela Cvenb/RJ podem ser ressaltadas: visitas a comunidades quilombolas, a antigas fazendas e a arquivo público para coleta de indícios sobre a escravização. A comissão ainda promoveu audiências e reuniões públicas, e tais encontros formaram um espaço de manifestação integrado por vozes da população local. Seus depoimentos enfatizaram situações diversas, como ataques direcionados às práticas religiosas afro-brasileiras. Docentes da educação básica afirmaram a dificuldade em desenvolver atividades sobre história da África e a cultura afro-brasileira, conforme estabelece a lei 10.639/03, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Outros expuseram as formas de violência que afetam os corpos de jovens e de mulheres negras e ainda denunciaram a insegurança do direito à terra ocupada por famílias negras em área rural ou na cidade.

PINHEIRO, Márcia Leitão. Uma Comissão da Verdade no Brasil: Escravidão, multiculturalismo, história e memória. *Civitas: revista de Ciências Sociais*, v. 18, n. 3, p. 683-698, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/26160>. Acesso em: 21 jun. 2024. Adaptado.

Em 2014, a Ordem dos Advogados do Brasil lançou uma iniciativa dedicada a investigar e refletir sobre a escravidão na história do Brasil, tratando dos atos praticados contra a população africana e afro-brasileira ao longo de séculos e da temática da reparação pelos crimes cometidos. A criação da Comissão Nacional da Verdade da Escravidão Negra estava associada a outras pesquisas sobre o passado brasileiro, em um cenário de disputas de memória e construção de uma identidade nacional.

Em 2017, o Cais do Valongo, que pode ser visto na fotografia de abertura deste módulo, localizado na zona portuária do Rio de Janeiro, passou a integrar a lista do Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Essa área da cidade foi o local com maior número de desembarques de escravizados trazidos à força ao Brasil, ao longo de sua história. Tal inclusão demonstra o reconhecimento do valor do espaço como lugar de memória da escravidão e da resistência e sobrevivência das populações negras.

Entre os séculos XVI e XIX, milhões de pessoas foram retiradas de suas sociedades e levadas à força à América. Esse processo de deslocamento forçado de pessoas, o tráfico atlântico de escravizados, gerou muito lucro para os traficantes e foi responsável por uma grande desestruturação econômica e social no continente africano.

Ainda que o comércio de pessoas já existisse antes da Idade Moderna, a entrada dos Estados modernos europeus nessa dinâmica, no contexto da Expansão Marítima e Comercial, alterou a lógica interna da atividade na Idade Moderna. Neste módulo, vamos estudar esse assunto.

## Para lembrar

No módulo anterior, você estudou o contato entre a Europa, a África, a Ásia e a América a partir das Grandes Navegações e como isso gerou profundas transformações nos envolvidos. Observamos aspectos comerciais e culturais desse processo, buscando compreendê-lo para além da conquista de territórios exaltada pelos reinos europeus em tal contexto.

Também já estudamos outros assuntos que servem de base para pensar este módulo. Já aprendemos, por exemplo, sobre o uso de mão de obra escravizada na Antiguidade, nos casos do Egito antigo e Grécia e Roma antigas. Além disso, estudamos também aspectos da presença de pessoas oriundas da África no Brasil e a grande influência cultural que exerceram na história brasileira.



## Para aprender

### A escravidão desde a Antiguidade



Pessoas capturadas para o tráfico de escravizados na África. Gravura de J. B. Zwecken, século XIX.



Escravizados libertos a bordo do HMS London, navio inglês que perseguia traficantes de cativos no oceano Índico. Fotografia desconhecida, 1882.

Desde os tempos mais antigos, alguns homens escravizaram outros homens, que não eram vistos como seus semelhantes, mas sim como inimigos e inferiores. A maior fonte de escravos sempre foram as guerras, com os prisioneiros sendo postos a trabalhar ou sendo vendidos pelos vencedores. Mas um homem podia perder seus direitos de membro da sociedade por outros motivos, como a condenação por transgressão e crimes cometidos, impossibilidade de pagar dívidas ou mesmo de sobreviver independentemente por falta de recursos. [...] A escravidão existiu em muitas sociedades africanas bem antes de os europeus começarem a traficar escravos pelo oceano Atlântico.

SOUZA, Marina de Mello e. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2012. p. 47.

Partindo da ideia de que os europeus da Idade Moderna se consideravam herdeiros do mundo clássico, tomemos como referência os mundos grego e romano da Antiguidade para pensar em algumas características da escravidão e em como o comércio de pessoas insere-se nessa história. Isso contribui para observarmos algumas permanências e transformações.

Em suma, ainda que tenha variado ao longo do tempo e da região, pode-se afirmar que a escravidão no mundo grego clássico está relacionada a três condições: a escravização por dívida, por guerra ou como punição. Além disso, a escravidão estava associada ao “outro”, ao não grego, àquele dito “bárbaro”, o que, aliás, motivou tensões internas por conta dos modos de escravização por dívida.



A escravidão foi parte fundamental da expansão econômica e territorial de Roma. Com a decadência do Império Romano, a escravidão não desapareceu, mas se tornou cada vez mais uma exceção na Europa.

Desde a Antiguidade, a escravidão estava ligada, portanto, aos costumes e à importância econômica. E estava difundida pelo Mediterrâneo desde antes mesmo dos gregos e romanos – como vimos ao estudar outros povos da Antiguidade, por exemplo. A escravidão era parte de sociedades estratificadas e base do funcionamento de suas economias. Mas em que medida a escravidão nas sociedades da Idade Moderna se diferenciou daquela existente na Antiguidade?

O contexto das Grandes Navegações proporcionou o encontro de diferentes culturas. Assim, com a expansão portuguesa sobre o continente africano, a situação se transformou. Portugal se tornou peça-chave no comércio de africanos negros, adicionando um componente étnico à escravidão. Aqueles que eram vistos e tratados como inferiores passaram, então, a ser comercializados e traficados para outros locais através do oceano Atlântico.

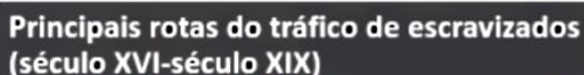
## A escravidão na África

A escravidão existia de distintas maneiras no continente africano. Podemos indicar a existência de uma escravidão doméstica, a escravidão relacionada aos conflitos entre grupos rivais ou ainda a escravidão como punição por crimes. Os escravizados poderiam desempenhar funções variadas, dependendo das habilidades de cada um e dos interesses daqueles que exerciam o domínio.

Ao longo do tempo, desenvolveu-se um comércio de escravizados no continente que ganhou força com a participação de mercadores nas caravanas, levando pessoas de um lugar a outro para serem comercializadas. Na Idade Moderna, a chegada dos europeus inseriu novos elementos nessas relações. Em um primeiro momento, no século XV, ocorreram contatos e aproximações de europeus com grupos locais interessados em estabelecer acordos comerciais. As trocas aumentavam, e a compra e venda de pessoas escravizadas foram associadas ao comércio de outros objetos.

A chegada dos portugueses à América em 1500 abriu caminho para a ampliação das trocas comerciais, já que a necessidade de mão de obra, sobretudo para a lavoura, crescia. O trabalho manual era visto pelos europeus como inferior e, por isso, poderia ser realizado por escravizados.

Com isso, a comercialização de escravizados aumentou, bem como a busca por eles no continente africano. Foi um momento de expansão das redes de comércio, de ataques para capturas de pessoas e conflitos no continente. Observe o mapa ao lado.



Fonte: DUBY, Georges. *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 1978. p. 258; ELTIS, David, RICHARDSON, David. *Atlas of the Transatlantic Slave Trade*. New Haven: Yale University Press, 2010.

## O tráfico atlântico para a exploração da América

A exploração dos escravizados está inserida em uma lógica mercantilista. Os Estados modernos em consolidação buscavam estruturar um mecanismo de fortalecimento político e econômico. Nesse sentido, a exploração colonial deveria atender às necessidades das metrópoles e garantir sua prosperidade. É nesse contexto que a exploração dos continentes americano e o do africano andam juntas como parte dos interesses europeus.

Na América, a exploração colonial demandava um alto número de pessoas para o trabalho. Apesar do uso da mão de obra indígena, também escravizada – que, ao contrário do que se costuma imaginar, não foi abandonada no período colonial –, o comércio atlântico atendia a um interesse importante para as elites coloniais e metropolitanas: o abastecimento de pessoas levadas como escravizadas da África para a América garantia um fluxo permanente de trabalhadores, evitando oscilações no acesso à mão de obra. Além disso, tratava-se de um negócio muito lucrativo, o que contribuiu ainda mais para esse interesse.

O reino de Portugal e as elites metropolitanas e coloniais construíram uma rede de comércio envolvendo diferentes agentes no processo. Na época, reinos sudaneses e da região de Congo-Angola foram parceiros de Portugal nesse negócio.

Dentre aqueles trazidos para a América durante o período colonial, uma parte significativa vinha dessa parte do continente africano. Estima-se que, entre os séculos XVI e XIX, doze milhões de pessoas tenham sido comercializadas como escravizados da África para o continente americano. Pouco menos da metade desse contingente veio para o Brasil.

O negócio escravista, dessa maneira, não era algo externo à sociedade e aos interesses dos Estados modernos. Portugal explorava a América por meio dessa prática, enquanto comerciantes e senhores de terras prosperavam.

### As condições da viagem

Os escravizados eram transportados para a América em navios que ficaram conhecidos como **navios negreiros** ou **tumbeiros**. Eram comercializadas pessoas de diferentes idades. Ainda que mulheres, crianças e idosos fossem alvos do tráfico atlântico, os homens jovens eram alvo privilegiado das investidas dos traficantes, que os viam com um maior potencial para obtenção de lucros na oferta de mão de obra para o trabalho braçal.

Nas embarcações, pessoas de diferentes lugares e etnias eram colocadas juntas, de acordo com os interesses de quem praticava o comércio. Eram presas e confinadas nos porões das embarcações para a viagem até a América em péssimas condições, acorrentadas, sem higiene, circulação de ar ou acesso à luz adequados. A comida era insuficiente e a água, insalubre. A proliferação de doenças se dava de maneira rápida em um ambiente como esse.

*Mercado de escravos, de Johann Moritz Rugendas, c. 1835. O artista representou em suas obras muitas cenas do cotidiano brasileiro.*



Arquivo do Museu Nacional, Rio de Janeiro, RJ.



Aqueles que chegavam vivos à América eram comercializados outra vez. Dos principais portos do território, eram levados para as mais distintas áreas para serem explorados.

A violência física e **simbólica**, a sede e a fome, as doenças e as condições terríveis de viagem levavam muitos à morte na travessia do oceano Atlântico. O texto a seguir apresenta algumas características das viagens a bordo dos navios negreiros.

#### Simbólica:

metafórica, alegórica, representativa; violência simbólica refere-se a um tipo de violência que atinge aspectos figurativos da vida, como as ideologias e a religião

## Gotas de saber

### Travessia dramática

#### O que eram os navios negreiros?

O tráfico negreiro foi uma atividade comercial bastante lucrativa, por isso os traficantes de escravizados criavam alianças com chefes dos povos africanos, com o intuito de ampliar os ganhos.

Eles estabeleceram um comércio firmado no escambo, onde os africanos capturados em guerras com povos rivais eram trocados por joias, metais preciosos, armas, tabaco, cachaça e tecidos de seda.

[...]

#### Cotidiano dos escravizados nas embarcações

As condições de transporte nos navios negreiros eram cruéis. Os escravizados eram mantidos em porões minúsculos, por essa razão não conseguiam ficar em pé e o espaço era tão apertado que os adultos tinham que ficar na mesma posição durante longos períodos.

Na maioria das vezes, um tumbeiro suportava de trezentos a quinhentos escravizados. Os africanos eram separados por sexo, obrigados a ficarem nus e os homens tinham que permanecer acorrentados para não se revoltarem. Já as mulheres sofriam violência sexual por parte da tripulação diariamente.

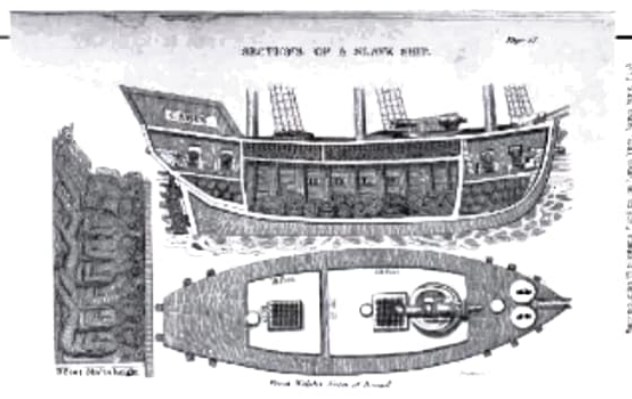
Pelas condições nas quais eram mantidos, cerca de 12,5% dos africanos não sobreviveram à viagem, por ter ciência disso, os capitães realizavam seguros em bancos para cobrir os prejuízos. Dessa forma, muitos navegantes permitiam as mortes dos escravizados para receber o dinheiro.

#### Alimentação escassa e doenças

Por ficarem todo tempo acorrentados, os africanos eram impedidos de realizarem suas práticas religiosas e culturais, apenas tinham horários para o banho de sol. Eles também eram forçados a dormir no mesmo local que realizavam suas necessidades, além do mais, se algum escravizado falecesse, seu corpo apodrecia entre os outros.

A alimentação dada aos homens, mulheres e crianças presos consistia em uma refeição por dia. De acordo com o historiador Jaime Rodrigues, no início do tráfico negreiro, os traficantes de escravos alimentavam-nos com uma quantidade de alimentos ainda menor, com o objetivo de torná-los fracos para que não se rebelassem.

As refeições eram compostas por feijão, arroz, carne seca e farinha. A falta de higiene, a superlotação dos porões e a escassez de alimentos causavam problemas gastrointestinais, escorbuto – causado pela falta de vitamina C no organismo – e doenças infectocontagiosas nos escravizados, levando-os ao óbito.



Compartimentos de um navio negreiro em gravura publicada no livro *Notices of Brazil in 1828 and 1829*, de Robert Walsh.

## Séculos de escravidão e seus efeitos

O comércio transatlântico alterou a lógica interna na África: a venda de escravizados passou a ser determinante para os povos do continente e fez com que os comerciantes locais iniciassem conflitos objetivando a captura de cativos. A atividade enriqueceu os negociantes europeus e seus Estados, que viam no comércio de escravizados uma importante fonte de poder e riqueza na Idade Moderna.

Por sua vez, Portugal ganhou destaque diante do domínio das rotas mais importantes e também pela grande demanda por mão de obra em suas colônias na América.

O tratamento a essas pessoas como se fossem mercadorias impunha a destruição de parte de suas identidades, já que muitos tinham seus nomes modificados e se encontravam distantes de sua terra natal e de suas famílias, além de serem misturados a etnias diferentes, o que dificultava a comunicação por causa dos distintos idiomas. Era necessário reconfigurar essas identidades na América, o que não seria simples. Mas esse é um assunto que vamos estudar em alguns módulos adiante.

Entre as possibilidades de resistência, estavam as fugas, os ataques aos proprietários de escravizados e a criação de redes de sociabilidade. A mobilização de escravizados e libertos funcionava como uma estratégia para não apenas sobreviver às condições opressoras da escravidão, mas também buscar alternativas de vida e ajuda mútua. Essa resistência também aparece na adaptação de práticas tradicionais, como a religião e as festas.

Por causa dos séculos de escravidão e de um processo de abolição que não se preocupou com a inserção dos ex-escravizados na sociedade, encontramos ainda hoje a existência de estruturas racistas no Brasil. Apesar de o fim da escravidão ter acontecido no século XIX, ainda é difícil para a população negra romper mecanismos de exclusão associados às heranças racistas, como situações de inferiorização e humilhação.

Principalmente nos últimos anos, o governo brasileiro investiu na promoção de políticas de ação afirmativa, como as cotas em programas de acesso às universidades públicas e outros concursos públicos. Além disso, a Constituição de 1988 considera a prática do racismo no Brasil um crime inafiançável. Pode-se apontar ainda a criação da Lei 10.639, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas brasileiras da educação básica como parte desse esforço contra as heranças da escravidão.

Apesar disso, passado mais de um século do fim do tráfico atlântico e da escravidão, ainda são necessárias leis para evitar a prática do racismo, bem como para reduzir as desigualdades oriundas das diferenças raciais. É dever de todos impedir que atitudes como essas sejam reproduzidas na sociedade, visto que somos cidadãos e temos direito à liberdade e à igualdade.

Lavagem da escadaria da Igreja Nosso Senhor do Bonfim, em Salvador (BA), 2024. O sincretismo religioso é representado em muitas festas populares.





## Candomblé no Brasil: orixás, tradições, festas e costumes

[...] A mistura com o catolicismo foi uma questão de sobrevivência. Para os colonizadores portugueses, as danças e os rituais africanos eram pura feitiçaria e deviam ser reprimidos. A saída, para os escravos, era rezar para um santo e acender a vela para um orixá. Foi assim que os santos católicos pegaram carona com os deuses africanos e passaram a ser associados a eles. A partir da década de [19]20, o espiritismo também entrou nos terreiros, criando a umbanda, com características bem diferentes.

Assim, o candomblé já se incorporou à alma brasileira. Tanto é que o país inteiro conhece o grito de felicidade – a saudação mágica que significa, em ioruba, energia vital e sagrada: Axé! [...]

CAMPOLIM, S. Candomblé no Brasil: orixás, tradições, festas e costumes. *Superinteressante*, 26 abr. 2023. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/candomble-no-brasil-orixas-tradicoes-festas-e-costumes>. Acesso em: 21 jun. 2024.



## Para solucionar

### Situação-problema

A região do Rio de Janeiro conhecida como a “Pequena África”, que abrange o território da zona portuária e os bairros da Praça Onze e Estácio, local de desembarque de africanos escravizados no Brasil, representa um dos mais importantes legados da cultura negra no país.

Há 250 anos, o Rio de Janeiro começava a inaugurar um triste e marcante capítulo da história da escravidão no Brasil. No ano de 1774 foi registrado o início do desembarque e comércio dos escravos que chegavam na zona portuária do Rio, bem como o enterro dos africanos escravizados que não aguentavam as péssimas condições da travessia do Atlântico.

Mas a descoberta deste sítio arqueológico aconteceu apenas em 1996, dando origem ao Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN). Em entrevista ao Brasil de Fato, o coordenador de comunicação do IPN, Alexandre Nadai, destaca que foram 165 anos de apagamento desta história. [...]

“Foram construídas casas aqui, nas próprias paredes no nosso material a gente tem resquícios dos ossos dos que aqui estão enterrados, que não foram respeitados, misturados com areia desta construção urbana. A gente está falando de um local que é a personificação da violência contra o africano que foi trazido para ser escravizado no Brasil. Então o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos preserva a memória deste holocausto contra a população africana”, afirma Nadai.

“Eles eram amontoados dentro dos navios tumbeiros junto com mercadorias, e como mercadorias. E muitos, ao chegar aqui, morriam. Os que chegavam aqui e conseguiam sobreviver eram tratados e iam ser vendidos nas lojas de escravizados. E quem não conseguia era uma mercadoria nova que estragou. Além da idade, tinham crianças, recém-nascidos, porque a idade variava até no máximo 20 anos. Essas pessoas tinham uma vida útil de trabalho de até 15 anos. Dificilmente sobreviveriam mais do que isso nas condições às quais eram submetidos”, conta. [...]

Em 2017, o cais do Valongo foi declarado patrimônio cultural mundial pela Unesco, sendo reconhecido como um sítio de consciência sobre “a mais importante evidência física associada à chegada histórica de africanos escravizados no continente americano”.



A enorme presença e influência negra nesta área fez com que o compositor e artista plástico Heitor dos Prazeres designasse a região como a “Pequena África”, simbolizando o berço das tradições afro-brasileiras no Rio.

[...] Após o fim da escravidão, a Pequena África passou a ser uma referência, um ponto de encontro, dos ex-escravizados radicados nos morros próximos ao centro da cidade, e também recebendo a migração de negros de outras regiões do país, principalmente da Bahia. Esta confluência da cultura africana no Rio de Janeiro reuniu tradições religiosas, do batuque, dos terreiros e fez com que a região fosse considerada um dos “berços do samba”. [...]

MONIN, Serguei. Memória e legado da escravidão: conheça a história da ‘Pequena África’ no Rio. *Brasil de Fato*, 10 ago. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/08/10/memoria-e-legado-da-escravidao-conheca-a-historia-da-pequena-africa-no-rio>. Acesso em: 13 nov. 2024.

O texto anterior permite refletir sobre o tráfico atlântico de escravizados e a violência inerente a ele e analisar o impacto causado pela chegada dessas populações ao Brasil.

## Estudo autodirigido

Considere o texto anterior e as seguintes questões para iniciar sua pesquisa:

- A escravização de negros africanos atendia a interesses das elites coloniais e metropolitanas e do Estado português. Caracterize esses interesses.
- A exploração colonial se apropriava de saberes dos povos africanos. Indique exemplos desses saberes e de que maneira foram apropriados na América.
- O comércio de pessoas escravizadas desarticulou as identidades dos povos africanos no Brasil, mas os diferentes grupos buscaram criar estratégias de adaptação e resistência. Identifique e explique uma dessas estratégias.

## Resolução do problema

Em pares, com as informações coletadas, preparem uma apresentação de até cinco minutos para os colegas e o professor.



### Para explorar

A valorização e preservação do patrimônio ligado ao tráfico negreiro e à escravidão – finalmente reconhecidos como crimes contra a humanidade – tornou-se uma questão importante em países e regiões que foram afetados por esta tragédia.

O papel que o patrimônio pode desempenhar – por um lado, em homenagem às vítimas da tragédia e na educação dos jovens e, por outro lado, na reconciliação nacional e na construção da coesão social – é cada vez mais reconhecido e consolidado.

A reflexão sobre o dever de memória progrediu de maneira significativa nas últimas décadas, destacou as virtudes libertadoras, catárticas da abordagem utilizada para enfrentar esse passado, por mais doloroso ou vergonhoso que seja. Assim, visitar os locais do crime – mesmo em lugares onde certos atos desta tragédia ocorreram – tornou-se crucial para evocar a emoção, provocar o questionamento e a necessária tomada de consciência. A inscrição desta história trágica em geografias e topografias nacionais surgiu como um dos meios de lutar não só contra o esquecimento, mas também contra as recusas e falsificações.

MATTOS, H.; ABREU, M.; GURAN, M (org.). *Inventário dos lugares de memória do tráfico atlântico de escravos e da história dos africanos escravizados no Brasil*. Niterói: PPGH-UFF, 2014.

Pesquise a existência de algum local de memória relacionado à escravidão. Em seguida, escreva um texto de até dez linhas, explicando que lugar é esse, como foi utilizado no período da escravidão e indique a situação atual do local.



## Praticando o aprendizado

1. Caracterize a escravidão praticada na África antes do início do comércio transatlântico de escravizados.

---

---

---

---

2. Quais foram as mudanças ocorridas na escravidão africana com a chegada dos europeus no século XV?

---

---

---

---

3. Apresente duas consequências da escravidão para os descendentes dos escravizados.

---

---

---

---

4. Explique a importância econômica do tráfico transatlântico de escravizados africanos.

---

---

---

---

5. Leia o trecho a seguir.

Palavras como “desumano” ou “infernado” não fazem justiça ao horror puro, cru e abjeto de um navio negreiro. É difícil encontrar algo comparável na História quando humanos tiveram de passar por um sofrimento comparável, talvez os campos de morte nazistas, com a diferença fundamental que os navios negreiros queriam suas vítimas — na medida do possível vivas.

[...]

Os navios negreiros foram marcados pelas condições deploráveis de existência e pela rotina de prisão. Geralmente acorrentados, os negros eram impedidos de fazer suas práticas culturais e religiosas, e tinham horários regados de exercícios e para tomar sol. Fome, sede e doenças eram padrão.

Os responsáveis pelo navio, em geral, pouco se importavam com as condições dos cativos, salvo exceções preocupadas com a mercadoria. Os negros dormiam no mesmo local em que faziam suas necessidades.

Muitos mortos eram renegados a apodrecerem nos porões — não era hábito que marujos entrassem no local de encarceramento. A alimentação era fraca, sendo simplesmente lançada ao porão para que os escravos se digladiassem por pedaços. Isso exigiu uma série de organizações entre eles, o que era dificultado pela mistura de etnias proposital, incluindo grupos originalmente inimigos.

NOGUEIRA, André. Violência, depressão e morte: os horrores dos navios negreiros. *Aventuras na História*, 6 jun. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem-violencia-depressao-e-morte-os-horrores-dos-navios-negreiros.phtml>. Acesso em: 29 set. 2024

Caracterize a viagem dos escravizados africanos para a América.

---

---

---

---

6. Leia o trecho a seguir e depois responda à questão.

Entre 1500 e 1856, a cada cinco pessoas no mundo que foram escravizadas, uma colocou os pés no Rio de Janeiro. Foi na região do Porto, onde hoje estão as avenidas Venezuela e Barão de Tefé, que atracou boa parte dos navios negreiros vindos da África, trazendo, inclusive, corpos de quem não resistiu à viagem. Por muito tempo, imaginou-se que pouco mais de um milhão de escravos desembarcaram na cidade — e mais 2,6 milhões teriam sido levados para outros pontos do litoral brasileiro. Agora, estudiosos afirmam que o número relativo ao Rio é muito maior que o estimado por vários historiadores. A tese é baseada em um minucioso banco de dados criado pela Universidade de Emory, em Atlanta, nos Estados Unidos: o arquivo reúne registros



portuários feitos ao longo de três séculos e meio. [...] Segundo o novo levantamento, cerca de 2 milhões de escravos teriam chegado ao Rio de Janeiro.

FRANÇA, Renan. Pesquisa americana indica que o Rio recebeu 2 milhões de escravos. *O Globo*, 5 abr. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/pesquisa-americana-indica-que-rio-recebeu-2-milhoes-de-escravos-africanos-15784551>. Acesso em: 21 jun. 2024.

Qual é a novidade apresentada pela reportagem?

---

---

---



## Desenvolvendo habilidades

1. Sobre a escravidão praticada na Antiguidade, podemos afirmar que:
  - a) foi iniciada por gregos e romanos.
  - b) substituiu o trabalho servil nos feudos europeus.
  - c) constituiu-se como uma atividade comum entre diversos povos da época.
  - d) assemelhava-se às formas de trabalho escravo utilizadas na Europa e na América.
2. Entre as formas de resistência africana à escravização, é possível citar:
  - a) manutenção dos laços familiares.
  - b) adaptação de práticas tradicionais.
  - c) conversão espontânea ao catolicismo.
  - d) ruptura com os traços culturais africanos.



## Para concluir

No continente africano, assim como em outras civilizações da Antiguidade, como a grega e a romana, a prática da escravização era bastante comum, embora não tivesse a mesma forma que adquiriu com o comércio transatlântico entre os séculos XV e XIX.

Com a Expansão Marítima iniciada no final do século XIV, o comércio de escravizados se intensificou, tornando-se uma das principais atividades econômicas europeias. Os escravizados eram comprados na África e levados para atender à demanda por mão de obra nas colônias da América em longas, arriscadas e insalubres viagens a bordo de navios negreiros.

A pessoa escravizada sofria múltiplas violências: era tratada como mercadoria, brutalmente explorada e colocada à margem da sociedade. Os escravizados recebiam castigos físicos e passavam por um intenso processo de afastamento de sua cultura, o que os distanciava de suas raízes geográficas e familiares. Em resistência a esse processo, muitos deles desenvolveram formas de sincretismo cultural e religioso.



### Flashcards

Para consolidar os principais conteúdos abordados neste módulo, acesse os *flashcards* disponíveis no **Plurall**.